

Mulheres em Bandas de Música: um estudo sobre fatores que mobilizaram a opção pela regência

Comunicação

Bianca Guerra Bioni

*Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
bibioni_gb@hotmail.com*

Regina Finck Schambeck

*Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
regina.finck@udesc.br*

Resumo: Esta comunicação é um recorte da pesquisa de mestrado em andamento que vem sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Música (PPGMUS) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), na linha de pesquisa em Educação Musical. A pesquisa tem como objetivo geral analisar a trajetória de mulheres regentes em bandas de música, refletindo sobre as questões de gênero e suas influências na ocupação de mulheres nos cargos de regentes. Nesta comunicação, serão apresentados alguns fatores que levaram essas mulheres a se tornarem regentes. Os dados foram coletados por meio de entrevistas narrativas, e foi possível analisar o que mobilizou as regentes a escolherem essa profissão. Entre os fatores, podemos mencionar a necessidade de trabalho após a formação inicial, oportunidades de assumir a regência por já estar atuando como instrumentista no agrupamento musical e a identificação pessoal e exclusiva com a regência em bandas e não em outra área da música. Podemos apontar também a influência de outras mulheres regentes, que acabaram sendo inspirações para as entrevistadas atuarem na área. Será também levantada a questão da representação de mulheres regentes como participantes de cursos de formação em regência e atuando na esfera de trabalho das regentes entrevistadas.

Palavras-chave: Educação musical, mulheres regentes, banda de música.

Introdução

O interesse em pesquisas sobre a representação feminina em bandas de música teve sua origem na minha própria experiência como instrumentista, uma vez que foi numa banda de música centenária que eu iniciei meus estudos musicais, tocando saxofone tenor. Minha primeira pesquisa sobre essa temática (BIONI, 2021) focou nas narrativas de instrumentistas mulheres de uma banda de música e refletiu sobre a representação feminina, desafios de ingresso e permanência de duas mulheres musicistas dentro da banda.

Para a sequência e aprofundamento da temática de pesquisa, foi optado por conhecer o percurso formativo de regentes de bandas de música. É importante mencionar que no estado de Santa Catarina temos uma forte tradição de bandas e fanfarras. Foram identificados mais de 600 grupos cadastrados pela FCC (Fundação Catarinense de Cultura), conforme pesquisa de Kandler (2011, p. 14).

As bandas de música são tradicionalmente conduzidas por homens, tendo na sua maioria também uma participação instrumental majoritariamente masculina, principalmente na execução de determinados instrumentos. Segundo Kandler (2011, p. 106), essa predominância masculina “pode ser reflexo de no passado, estes grupos serem formados unicamente de homens, uma vez que muitas bandas civis sofreram influência das bandas militares, as quais não permitiam a presença de mulheres”.

Na cidade em que resido, por exemplo, são conhecidas três bandas centenárias, e em nenhuma delas se têm registro da presença de uma mulher na condução do grupo ou ocupando o cargo de regente. Desse modo, foi no meu percurso formativo na universidade que obtive o primeiro contato e fui conduzida por mulheres regentes e professoras nas disciplinas de coral, regência e projeto de extensão Big Band UDESC. Essas atividades sempre estiveram vinculadas ao meio acadêmico. Assim, onde então, eu poderia encontrar essas mulheres regentes fora desse contexto? Portanto, fazer uma pesquisa com o objetivo de descrever a trajetória de mulheres na condução de bandas de música exigiu uma ampla busca, iniciada por meio de telefone, contatos de e-mails com regentes e em redes sociais. Foi, desse modo, através de indicações de outros regentes e profissionais da área musical, principalmente aqueles que já tiveram contato com bandas de música e ainda indicações das próprias regentes, uma indicando outra, que chegamos nas cinco regentes que aceitaram fazer parte da pesquisa.

Procuraremos no desenvolvimento deste artigo responder a essas questões: Como essas mulheres se tornaram regentes? Durante seus processos de formação, tiveram contato com outras mulheres que atuavam na regência? Nas suas esferas de trabalho se depararam com outras mulheres atuando como regentes?



Os dados foram coletados por meio de entrevista narrativa, realizadas de maneira online, mediante gravações de cada uma das sessões e, posteriormente, a transcrição do material, o que gerou mais de seis horas de gravação.

Sobre a entrevista narrativa, sendo um método de pesquisa qualitativa, podemos entendê-la como uma forma de relato em que um entrevistado “conta a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social” (BAUER; JOVCHELOVITCH, 2002, p. 93). Nesse texto, serão as regentes que contarão, através de relatos, suas histórias de vida, do acontecimento específico de se tornar regente de banda de música.

Sobre a mulher regente

Em muitos estados do Brasil ainda há uma forte tradição de bandas de música. Estas agremiações, pela representatividade que adquiriram junto as suas comunidades, se constituem como um espaço nato de formação musical para muitos instrumentistas. Nessas bandas, há um regente que exerce diversas funções, tanto de cunho formativo como organizativo. Com isso “podemos perceber a importância deste profissional para o cenário musical brasileiro, principalmente por atuar como um importante vetor de formação de músicos dos naipes de sopros e percussão” (CAMPOS, 2016, p. 313). Esse papel de regente, por muito tempo ficou restrito apenas aos homens, pois “subir ao pódio comandando um exército de músicos, na visão patriarcal, não cabe a uma mulher” (BOTELHO, 2020, p. 3).

A tradição patriarcal é mencionada ainda pelos autores (GREEN, 2001; MOREIRA, 2013) por considerarem que as mulheres teriam outras obrigações junto a sociedade e também em relação a sua família. Assim, mesmo que praticassem música, estas práticas estariam igualmente relacionadas à vida privada e que de alguma maneira expressava características femininas, o que Green (2001, p. 25) chama de “patriarcado musical”. Nesse sentido, mesmo as mulheres alcançando outras perspectivas profissionais e assumindo naipes usualmente executados por homens, nos tempos mais atuais, ainda se percebe uma certa restrição de oportunidades para mulheres desempenharem esse papel da regência em bandas de música. Dados que podem ser comprovados, por exemplo, no levantamento das bandas de música realizado por Kandler (2011).

Assim, para que pudessem exercer a função de regentes e romper com a tradição patriarcal, as mulheres tiveram que enfrentar obstáculos, entre eles, preconceito e assédio, e pôr fim ao que Botelho (2020, p. 3) chama de “Mito do Maestro – o líder forte e soberano, cuja imagem de poder só poderia ser representada por homens”. Com as lutas feministas, as mulheres passaram aos poucos a ocupar espaços que eram apenas ocupados por homens, assim como apontado por Scott (1992), e também, mais espaços como musicistas, como apontado por Freire e Portela (2013). Para entender um pouco melhor essas diferenças entre as relações baseadas nas diferenças entre os sexos e nas relações de poder, surge então o conceito de gênero (SCOTT, 1989). Conceito que está bastante relacionado a história das mulheres, e que vem sendo bastante estudado em diversas áreas, e pode também nos auxiliar no entendimento do porque as mulheres ainda ocupam poucos cargos na regência.

A partir do século XX outros ares começaram a soprar, conforme nos indica Moreira (2017) houve mudanças nessa área profissional, permitindo assim que cada vez mais mulheres pudessem ocupar o cargo de regente:

Em andamentos contemporâneos podemos ratificar e enfatizar que no final da década de 80 (século XX) e principalmente no início dos anos de 1990 e 2000, professoras ou musicistas em geral, algumas com titulação de mestrado e doutorado, começaram a atuar em regência com mais qualificação, e isso perdura nos dias atuais nas bandas e orquestras brasileiras de forma lenta, mas crescente (MOREIRA, 2017, p. 150).

Dialogar sobre essa temática é uma forma de dar maior visibilidade e reconhecimento às mulheres regentes que aceitaram fazer parte dessa pesquisa. Como elas mesmas nos apontam em suas narrativas, superar o preconceito e a visão patriarcal ainda é um desafio constante no exercício desta profissão, mas que a própria sociedade e os musicistas já entendem como algo mais natural em bandas de música.

Conhecendo as regentes

Foram contatadas cinco regentes que aceitaram participar da pesquisa. Para manter o anonimato das regentes foram utilizadas letras (A a E). Da mesma forma, as cidades em que atuam e residem também foram representadas por letras (Y e Z). A partir da sistematização das informações sobre o perfil de cada uma delas, foi possível identificar o que segue:

Regente A: Tem 37 anos de idade, nasceu no estado onde está sendo realizada a pesquisa e mora na cidade Y. É clarinetista e flautista por formação e possui Licenciatura em Artes com habilitação em música por uma instituição da mesma cidade que reside, tendo concluído o curso em 2010. Em 2022 concluiu a especialização em Regência Orquestral em outra cidade do mesmo estado. Participou de simpósios, workshops, masterclass e cursos de aperfeiçoamento com importantes maestros. Atuou como regente durante 5 anos, e após fazer uma pausa, voltou a atuar como regente de bandas, atividade que exerce há 10 anos consecutivos. Atualmente rege a Banda Sinfônica da Secretaria Municipal de Educação da cidade Y, que conta com a participação de 45 integrantes.

Regente B: Tem 34 anos de idade, nasceu e mora na cidade Y. Possui Licenciatura em Música por uma instituição da cidade onde reside, bacharelado em Trombone, e pós-graduação em regência, realizada em um estado diferente daquele em que reside atualmente. Atua como regente há 14 anos, e no momento rege uma orquestra e uma banda musical escolar, contando esta última com a participação de 36 integrantes e 29 em fase de alfabetização musical. Foi criadora de uma banda sinfônica da cidade Y, a qual regeu de 2016 a 2020.

Regente C: Tem 30 anos de idade, nasceu em outro estado, e atualmente mora na cidade Y. Iniciou seus estudos musicais em fanfarra escolar, e aos 14 anos iniciou no trompete, seguindo carreira como trompetista até os dias atuais. cursou Licenciatura em Música numa cidade diferente da que reside e pós-graduação em regência de Bandas e Fanfarras num estado diferente. Participou também de Workshops de formação musical. Atua como regente há 10 anos e, atualmente, rege uma banda marcial escolar que conta com a participação de 35 integrantes.

Regente D: Possui 39 anos de idade, nasceu num estado diferente do que reside, e atualmente mora na cidade Z. Toca clarinete e saxofone, possui Licenciatura em Música e pós-graduação em regência por uma instituição da cidade Y. Atua como regente desde 2007 e atualmente rege uma banda escolar da cidade Y, que conta com a participação de 35 integrantes.

Regente E: Possui 29 anos de idade, nasceu na cidade Y e atualmente mora na cidade Z. Possui Licenciatura em Música por uma instituição de uma cidade diferente da que reside, cursou especialização em regência de forma online (durante a pandemia) e fez curso de formação em flauta transversal num clube musical da cidade Z. Atua como regente desde 2015 e atualmente rege a banda do mesmo clube musical em que fez a sua formação, que conta com a participação de 32 integrantes. Também atua como professora de madeiras em uma banda escolar na cidade Y.

A partir da descrição acima, foi possível sistematizar os dados do perfil das regentes, conforme tabela abaixo:

Tabela 1: Perfil das regentes

Regente	Idade	Tempo de Atuação	Formação Inicial	Cursos	Local de atuação
A	37	10	Licenciatura em Artes - Música	Especialização - Regência Orquestral	Banda Sinfônica
B	34	14	Licenciatura em Música / Bacharelado em Trombone	Curso de Extensão em Regência	Banda Musical Escolar
C	30	10	Licenciatura em Música	Regência de Bandas e Fanfarras	Banda Marcial Escolar
D	39	15	Licenciatura em Música	Pós-Graduação em Regência	Banda Escolar
E	29	8	Licenciatura em Música	Especialização em Regência	Banda Escolar

Fonte – produção das autoras

Tornando-se regente

Ao narrarem seus percursos formativos para se tornarem regentes, foi possível identificar que na sua maioria, iniciaram sua trajetória dentro de bandas de música, como

instrumentistas. Fato que reforça a importância das bandas de música como um grande celeiro formador de músicos nas comunidades e que “tiveram uma importância ímpar para a história musical brasileira e continuam, em muitas cidades interioranas, como única opção de formação e ensino musical junto à população” (BRANDÃO et. al., 2008, p. 10). De igual modo, a pesquisa de Wendt (2013) constatou que além da formação de instrumentistas, a banda de música também acaba sendo uma “escola de formação de professores e regentes” (WENDT, 2013, p. 26).

Corroborando com Brandão et. al. (2008) e Wendt (2013), as regentes participantes da pesquisa narram como foram os processos e os fatores que as mobilizaram na escolha da profissão.

A regente A conta que “foi como se eu tivesse caído de paraquedas, para ser regente”. Sempre tocou em banda de música, e quando foi para a área da educação e tinha que “juntar o grupo para fazer música”, passou a se enxergar no papel de regente. Assumiu também uma banda escolar, e “foi ali que bateu o click, sou regente”. Ao assumir essa nova função, a Regente A começou a se interessar mais pela regência e foi em busca de cursos na área para se preparar melhor para conduzir o grupo.

A regente B narra também como foi a sua trajetória musical:

Regente B: Iniciei toda minha trajetória musical no Programa Bandas e Fanfarras¹, em que hoje eu sou professora. Então, de início, eu comecei como professora de metais e automaticamente tive que assumir a regência dessa banda de música. Então, depois dessa experiência, já iniciando como professora e, posteriormente como regente, eu comecei a tomar gosto pela arte da regência. [...] Fui em busca de formação para estar atuando na frente do grupo (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 23/12/2022).

A regente B reforça o papel das bandas de música na formação de novos músicos. Ela própria relata que “praticamente nasci dentro de uma banda de música”. Destacou também, a influência que teve da sua professora que era a regente da banda, “ela foi uma das pessoas que mais me incentivou a seguir na profissão”.

A regente C também iniciou a sua formação musical em banda de música, tocando percussão na banda da escola, mas quando teve a chance, mudou para trompete, pois

¹ O Programa Bandas e Fanfarras da cidade de Y.

segundo ela “era um instrumento que chamava muito a minha atenção”. Antes mesmo de terminar a sua formação em Licenciatura em Música, surgiu uma oportunidade de emprego como regente num programa de bandas, e foi aí que “iniciei minha nova função”. Conta que isso aconteceu há 10 anos atrás, e naquele período, havia uma “falta de profissionais formados, então me tornei regente pela necessidade do programa”.

A regente D, de forma parecida com as demais, conta que logo após se formar em música, foi chamada para fazer parte de um programa de bandas, “e daí eu comecei já como regente, não tinha nenhuma experiência”. Relatou que na faculdade teve aulas de regência, mas mesmo assim, no início, sentiu um pouco de dificuldades em conduzir o grupo.

Regente D: Não vou dizer que eu não gosto muito de regência, eu prefiro tocar. Também sou saxofonista, clarinetista, sempre toquei em banda também, nunca tive essa vivência, sempre fui regida! E quando cheguei pra reger, teve os momentos bem difíceis, nervosismo de estar ali na frente de uma banda, eu sempre fui muito tímida, mas daí tive que me expor ali na frente dos alunos. No começo foi bem difícil, não vou dizer que foi fácil, mas agora, tenho bastante liberdade. Para mim já ficou um pouquinho mais natural (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 16/12/2022).

A regente E afirma ter começado a atuar na regência pela necessidade de emprego. Relata que após se formar, começou a trabalhar com fanfarra de percussão e lira, e ficou durante 3 anos como regente desse grupo. Depois, passou a trabalhar com uma banda onde já atuava como professora auxiliar de regente, “o maestro saiu em julho de 2019, aí eu assumi o cargo”. A partir de então, começou a reger outras bandas também, mas optou por continuar regendo apenas uma, pela questão das muitas demandas do cargo.

Regente E: Caí meio que de paraquedas nisso, não foi meio que um negócio tipo: Ah, eu sempre quis fazer! Eu comecei a tocar na banda que eu trabalho (na cidade Z), e toquei uns anos ali, depois fiquei uns anos fora e depois voltei ali para trabalhar (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 15/12/2022).

A regente E relata que como teve sua formação musical em banda de música já tinha uma certa “noção da questão organizativa e de arranjos”. Em contrapartida, na questão do gestual, “tinha muita coisa que eu não sabia, aí eu pesquisava, perguntava para alguém”, “eu tocava numa banda, aí ia vendo como o pessoal fazia, aí eu comecei a procurar curso na



internet, essas coisas, livros”. Como aponta Nóbrega (2018, p. 81) para os regentes de bandas “a base para o ensino é a experiência anterior com bandas”. Nesse sentido, as regentes iniciaram ou tiveram parte de sua formação dentro de bandas de música, tendo, portanto, mais familiaridade com o espaço de ensino, o que, acredita-se, facilita significativamente para que possam atuar com a regência em um “contexto familiar”. Nesse aspecto, a regente B considera o espaço de bandas e fanfarras como “a base para a educação musical de muitas musicistas e músicos, e de forma igual para regentes, [...] são poucas exceções de regentes que estão em bandas e vão reger uma orquestra, [...] porque eles já estão familiarizados, já vieram de bandas, então tem uma questão das referências”.

Mulheres na regência: ocupando espaços e influenciando

Com o intuito de responder as questões feitas anteriormente sobre o contato com outras mulheres regentes em seus processos de formação e nas suas esferas de trabalho, as regentes comentaram sobre as influências de outras profissionais que atuam há mais tempo como regentes, normalmente, se referiram a regentes de orquestras.

A regente A conta que tem uma amiga de longa data que também é regente, “sempre me fascinou ela, por que ela sempre correu atrás de tudo, foi uma pessoa que foi subestimada também e ela me inspirou muito”. Relata que durante seu percurso formativo em cursos, havia poucas mulheres, e normalmente “regiam coral, não eram propriamente de banda”. Na sua especialização ela era a única regente de banda, mas no programa de bandas que rege “tem mais umas 5 ou 6 mulheres regentes”.

A regente B conta que quando iniciou seu curso de regência, era a única mulher da classe, mas já em outro curso que fez de regência “era 80% mulheres na minha turma e 20% homens”, mas conta que era apenas uma professora regente. Na cidade onde ela vive, acredita que “deva ter umas 10 regentes hoje no programa. Mas, na hora da escolha do processo seletivo, do concurso, a opção é aberta a todos, então se as mulheres querem reger, tem a oportunidade de estarem fazendo essa escolha”. Quando pergunto sobre alguma referência, alguma regente que a influenciou a seguir a carreira profissional ela relata que “pessoas que me influenciaram para a arte da regência, minha professora, eu sou apaixonada



pela regência da Alondra de La Parra², Priscila Bomfim³, tive bastante curso também com Mônica Giardini⁴, mas para mim Alondra de La Parra é minha referência hoje”.

A regente C conta que na sua formação em regência além dela havia mais duas alunas em uma turma de 25. Lembra que sempre foi assim, até mesmo em seu curso de Licenciatura em Música havia poucas mulheres. “O programa de bandas atualmente atinge 37 escolas municipais, dessas 37, eu acho que tem umas 7 mulheres que eu consigo lembrar”. Mesmo com essa diferença entre o número de mulheres e homens, a regente conta que teve, sim, influências de mulheres regentes:

Regente C: Teve uma delas que eu via regendo, que eu era auxiliar na época, e eu pensei “é, acho que se eu estudar mais um pouquinho eu consigo fazer assim”. [...] A parte burocrática de uma banda é bem pesado, agenda, organização, relatório, e aí eu fui ajudando ela, facilitando o trabalho dela, organizando bilhete, a parte interna de banda, e fui meio que aprendendo com ela. E quando eu entrei no programa, ela meio que, um apadrinha o outro, a gente fica meio que se ajudando até o pessoal entender como funciona o programa de bandas. E aí eu fui trabalhar com a Priscila Bomfim, que é do Rio de Janeiro, ela regeu a orquestra que eu estava trabalhando e assim: - “Uau”! foi outra coisa eu ver uma regente de nível assim de reconhecimento nacional, então ali, a partir daquilo ali eu “opa, levar a sério o negócio, eu tenho possibilidade de ser melhor como regente” (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 21/12/2022).

Com a regente D parece que foi um pouco diferente. Ela conta que quando fez formação havia várias mulheres, e que hoje muitas delas estão à frente de bandas, “todas essas maestrinas daqui eu tive contato, começaram também como musicistas e fizeram a faculdade e agora são regentes”. Em sua entrevista conta como ficou impressionada com a regência de uma mulher:

Regente D: Eu achei lindo, que eu nunca vi alguém regendo tão bem[...], foi de uma mulher a regência mais linda que eu já vi, a da Mônica Giardini. Como ela tem uma elegância, uma postura, muito lindo assim, eu fiquei bem encantada quando tive aula com ela, e ela incentivou a gente, as mulheres a seguir essa carreira, mostrou todos os passos, foi maravilhoso. Tive essa

² Regente mexicana que regeu/rege diversas orquestras ao redor do mundo, incluindo a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo. Acesse: <https://alondradelaparra.com/en/>

³ Primeira mulher e diretora musical a reger óperas da temporada do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Acesse: <https://www.priscilabomfim.com/>

⁴ Regente titular e diretora artística da Banda Sinfônica Jovem do Estado de São Paulo. Acesse: <http://lattes.cnpq.br/6445891840556571>

oportunidade de ter aula com ela, foi assim, de todas as mulheres, ela foi a que mais me chamou atenção (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 16/12/2022).

A regente E conta que na cidade Y tem várias mulheres regendo, “nunca parei para contar, mas é capaz até ter se for contar, mais mulher do que homem regendo banda de escola”. Mas a realidade era um pouco diferente durante a sua formação em regência, na sua turma tinha mais duas mulheres além dela, numa turma de aproximadamente 40 alunos, mas uma delas não era da área de regência, e a outra ela não sabia de qual área ela era. Recorda de uma imagem de sua infância que ficou bem forte em sua cabeça:

Regente E: Eu lembro que passava uns programas da Orquestra Sinfônica Brasileira na TV Cultura e eu lembro bem forte da Ligia Amadio⁵ lá. Eu lembro até de um vídeo de vestido verde lá regendo a Orquestra Sinfônica Brasileira, primeira referência que eu tive de mulher regendo. Ai aos poucos eu fui, vai conhecendo né, você vai entrando no meio, vai conhecendo. Mas é uma coisa que assim que aqui sempre foi normal, porque sempre teve nas escolas, quando eu entrei na faculdade assim eu já conhecia várias (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 15/12/2022).

A partir das narrativas, podemos observar que apesar das poucas oportunidades que tiveram com outras regentes profissionais, foram experiências únicas que impactaram nos seus percursos musicais, e que serviram de inspiração para se tornarem e seguirem na profissão de regente. Podemos observar também que ainda há pouca representação de mulheres regentes de bandas participando de cursos de formação específicos em regência.

Considerações Finais

Este recorte de pesquisa teve como objetivo identificar através das entrevistas narrativas fatores que mobilizaram mulheres regentes a optar pela profissão. A partir dos relatos aqui apresentados, podemos observar que algumas apontam que a opção pela regência de banda se deu devido a oportunidade de trabalho na área ou até mesmo a necessidade de trabalho após se formarem em Licenciatura em Música. O fato de as regentes terem tido algum contato com outras regentes em seus percursos de formação musical ou

⁵ Primeira regente titular da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais. Acesse:
<http://lattes.cnpq.br/3387130895168299>

anterior a ele, pode também ser considerado um dos fatores de influência na escolha dessa profissão. E, por fim, talvez o fator mais importante nessa escolha se deu pelo local de prática, ou seja, permanecem atuando em agrupamentos em que iniciaram ou aprofundaram sua formação musical, no caso comum a todas as entrevistadas, este local foi a banda de música.

Além da formação em Licenciatura em Música, as regentes buscaram formação específica em regência através de cursos e especializações para aprofundar mais seus conhecimentos, já que algumas não tinham ainda um domínio prático anterior, mesmo tendo formação musical. Acredita-se que devido a essa falta de exercer a regência em momento anterior, tiveram um pouco de dificuldades no início da carreira, mas com aperfeiçoamento puderam se sentir mais seguras e confiantes profissionalmente. Algumas afirmaram que as disciplinas de regência cursadas durante seus cursos de Licenciatura foram fundamentais para auxiliá-las nessa fase inicial.

Referente as influências femininas durante seus percursos formativos, podemos observar que tiveram pouco contato com outras mulheres em seus cursos de regência. Fato esse que pode evidenciar o quanto a presença de mulheres ocupando o cargo de regente nesses agrupamentos pode se refletir futuramente nas escolhas de outras mulheres.

Sabemos que a discussão sobre essa temática não se esgota nesse texto, mas esperamos que o recorte da pesquisa em tela, motive leitores e leitoras a avançarem no campo da pesquisa em bandas de música, e sobre a representação de mulheres nesse contexto.



Referências

BIONI, Bianca Guerra. ***Tocando na banda da Sociedade Musical Filarmônica Comercial: narrativas de duas musicistas.*** 2021. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Música) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Florianópolis, 2021. Disponível em:
<https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/0000a2/0000a2bf.pdf>.

BOTELHO, Andréa Huguenin. ***Mascha Blankenburg e as mulheres na regência.*** Recensão do livro *Dirigentinnen im 20. Jahrhundert: Porträts von Marin Alsop bis Simone Young.* 2020. 11 f. NovaFCSH – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade de Nova Lisboa, Portugal, 2020. Disponível em:
https://www.academia.edu/44703097/MASCHA_BLANKENBURG_E_AS_MULHERES_NA_REGENCIA.

BRANDÃO, Domingos Sávio Lins; COSTA, Ludmila Ribeiro da; VASCONCELLOS, Yan Frederico Kononov de L. Descrição do processo de catalogação do acervo Chico Aniceto. ***Revista Modus***, Belo Horizonte, v. 5, n. 6, p. 9-17, mai. 2008. Disponível em: <
<https://revista.uemg.br/index.php/gtic-modus/article/view/763/479> >.

CAMPOS, Elias Leite. O maestro de banda brasileiro: suas contribuições para o ensino coletivo de instrumentos de sopro e percussão. ***Simpom*** - IV Simpósio Brasileiro de Pós-Graduação em Música, Rio de Janeiro, n. 4, p. 312-320, mai. 2016. Disponível em: <
<http://seer.unirio.br/simpom/article/view/5645/5093> >.

FREIRE, Vanda Lima Bellard; PORTELA, Angêla Celis Henriques. Mulheres Compositoras – da invisibilidade à projeção internacional. In: FONSECA, S. C.; NOGUEIRA, I. P. Estudos de Gênero, Corpo e Música: abordagens metodológicas. Goiânia/Porto Alegre: **ANPPOM**, Pesquisa em Música no Brasil, Goiânia/ Porto Alegre, v.3, p. 279-302, 2013. Disponível em:
<https://www.anppom.com.br/ebooks/index.php/pmb/catalog/view/3/4/24-1>.

GREEN, Lucy. ***Musica, género y educacion.*** Título original: Music, Gender and Education, Cambridge University Press, 1997. Tradução: Pablo M. 1ª ed. Espanha: Ediciones Morata, 2001. 264 p.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. ***Entrevista Narrativa.*** In: BAUER M. W.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 90-113. Disponível em:
https://ia800207.us.archive.org/28/items/BAUERM.W.GASKELG.PesquisaQualitativaComTextoImagemESom/BAUER%2C%20M.W.%3B%20GASKELL%2C%20G.%20Pesquisa_Qualitativa_Com_Texto_Imagem_e_Som.pdf.

KANDLER, Maira Ana. ***Bandas musicais do meio oeste catarinense: características e processos de musicalização.*** 2011. 168 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Florianópolis, 2011. Disponível em:
<https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/00006a/00006a75.pdf>.

MOREIRA, Marcos. **Mulheres em bandas de música no nordeste do Brasil e no norte de Portugal**. 2013. 443 p. Tese (Doutorado em Música) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

MOREIRA, Marcos. **Mulheres nas Bandas de Música: uma visão do nordeste do Brasil e do norte de Portugal**. Rio de Janeiro: Publit, 2017. 293 p.

NÓBREGA, Matheus Lopes Costa. **A cidade das Bandas**: O Projeto de Bandas Marciais da Rede Municipal de Ensino de João Pessoa, 2018. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação Musical) - Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Paraíba, Centro de Comunicações, Turismo e Artes, João Pessoa, 2018. Disponível em:
<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/13099/1/Arquivototal.pdf> .

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (org). **A escrita da história – Novas perspectivas**. Tradução: Magda Lopes. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 1992. 354 p. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4468957/mod_resource/content/1/Hist%C3%B3ria%20das%20Mulheres%20Joan%20Scott.pdf.

SCOTT, Joan. **Gênero**: Uma categoria útil de análise histórica. Título original: Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989. Tradução: Christine Rufino Dabat, Maria Betânia Ávila. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf.

WENDT, João Almir. **Banda de Música de Santo Amaro**: um estudo sobre os processos de formação de novos músicos. 2013. 50 p. Trabalho de Especialização em Educação Musical, Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2013.